

## **Aspectos da solidão em Miguel Torga**

Edelson Santana de ALMEIDA; Heleno GODOY

Faculdade de Letras

[edelsonsantan@gmail.com](mailto:edelsonsantan@gmail.com)

Palavras-chave: Solidão; Miguel Torga; narrativa; literatura portuguesa

### **Introdução**

Um erro bastante comum verificado em manuais de literatura consiste na simples classificação de Miguel Torga como integrante do Presencismo, visto como o segundo movimento do Modernismo português, após a geração de *Orpheu*. Contra essa tentativa de rotulação, deve-se considerar demasiado curto o tempo de três anos em que ele permaneceu atrelado ao grupo presencista em relação à sua longa carreira literária. Além disso, sob a égide de *presença*, vieram ao lume apenas os seus dois primeiros livros de poesia – *Ansiedade* (1928) e *Rampa* (1930) – pouco significativos dentro de uma prolífica produção poética e que sequer foram reeditados. Trata-se de um escritor independente, ainda que ligado a certos postulados *presencistas* e também a ideais neorrealistas, de onde provém o forte interesse pelos problemas sociais.

Entre os temas que se destacam por sua grande ocorrência em toda a bibliografia de Miguel Torga, encontra-se uma constante abordagem da solidão, como forma de enfatizar uma densa reflexão acerca da inexorável condição solitária do ser humano. Em estudo acerca da poesia lírica torquiana, Gonçalves (1995, p. 109) observa: “Solidão, angústia, determinação, destino, libertação – cada novo livro retoma os mesmos temas, cada novo livro parece cerrar ainda mais a reciprocidade embriogenética”. Um rápido percurso pelas obras mais representativas da extensa produção literária de Miguel Torga permite-nos a constatação de que a solidão serviu de matéria-prima para a constituição de sua poética.

### **Material e Métodos**

A pesquisa centra-se em análise de material bibliográfico. Realizou-se levantamento, aquisição e leitura de toda a produção literária disponível do autor em estudo bem como de considerável parte de sua fortuna crítica, tanto no Brasil quanto

em Portugal. Por se tratar de estudo temático, reuniram-se, ainda, obras que abordam o tema proposto, em diversas áreas do conhecimento. A leitura desse arsenal bibliográfico culminará em uma dissertação de mestrado, cuja escrita está em andamento.

## **Resultados e Discussão**

Os dois primeiros livros de poesia lírica assinada por Miguel Torga, *O outro livro de Job* (1936) e *Lamentação* (1943), enfatizam a ruptura entre criador e criatura, evidenciando, dessa forma, a condição solitária de um ser em busca de libertação. Longe dos olhos de um pai que não protege, negando a existência de um ser divino e todo-poderoso, o homem adquire a liberdade para construir a sua legítima identidade, mas se vê dono também de sua própria solidão. Nega-se Deus, ganha-se a possibilidade de determinar seu próprio destino, mas também uma espécie de solidão livre ou uma “solidão absoluta da expressão de sua vontade”, conforme Gonçalves (1995, p. 63), referindo-se ao vitorioso no duelo travado pelo insubmisso corvo Vicente, protagonista de um conto de *Bichos*, contra seu criador.

*Libertação* (1944) arrefece as fortes críticas ao tirânico poder divinal e coloca o sujeito lírico em condição de igualdade com o Criador, não no sentido de ser demiurgo e perfeito, mas como poeta que, ao rés-do-chão, faz da própria vida matéria para a sua criação. A partir dos metapoemas presentes nesse livro, torna-se crescente a afirmação desse antropocentrismo à Miguel Torga, que privilegia o poder criador do poeta, principalmente nas outras publicações da década de 1940, entre as quais, *Odes* (1946), obra repleta de referências aos valores pagãos, ou, ainda mais, *Nihil Sibi* (1948), além dos vários poemas inseridos nos dezesseis volumes autobiográficos do *Diário* (1941-1993), a demonstrarem a asserção de Gonçalves (1995, p. 74) de que “poeta passa a ser o grande tema de si próprio”.

Quando a poesia de Miguel Torga afasta-se do combate do ser mortal contra a natureza divina e concentra-se no aspecto ontológico, torna-se bastante nítida a presença da solidão como matéria de sua escrita. Ao realizar levantamento acerca das “atitudes líricas” constituintes da poética torquiana, Linhares Filho (1997, p. 95) nota que, “entre os momentos líricos da poesia de Miguel Torga, conta-se o tema da solidão, que se liga ora aos problemas amorosos do autor, ora à problemática existencial, com implicações sociais, metafísico-religiosas e outras”. Entre os temas

de *Cântico do Homem* (1950), encontra-se o sentimento da solidão, com suas variadas implicações. Tem-se, nesse livro, a expressão de um canto desesperado que, ao mesmo tempo, é abafado por um “grave silêncio da paisagem” que o “renega e protesta”. Embora não tragam diretamente a solidão como *leitmotiv*, as outras duas obras da década de 1950, *Penas do Purgatório* (1954) e *Orfeu Rebelde* (1958), mantêm a linha de autocontemplação presente em *Cântico do Homem*, ao apresentarem poemas voltados à reflexão introspectiva, que, conforme Linhares Filho (1997, p. 234), “exprimem uma sondagem psicológica e/ou ontológica”. *Câmara Ardente* (1962), no que concerne ao tema em estudo, seguiria esse mesmo diapasão, já que, afinal, os tempos não eram assim tão outros...

Já os textos dramáticos de Miguel Torga fundamentam-se em uma temática muito cara à criação artística portuguesa: a ausência. Cruz (2001, p. 290) ressalta que “a espera, a esperança, a desesperança do que está longe, daquele que partiu e viajou, é igual na aldeia de pescadores e na pequena aldeia da montanha”, reforçando, assim, a “poetização da ausência” em suas peças, temática à qual está relacionado o sentimento de solidão.

Na ficção, o tema investigado pode ser facilmente apreendido da diegese da novela *O Senhor Ventura* (1943), a começar pelos traços quixotescos do protagonista, que, como a personagem de Cervantes, não se configura apenas um viajante contumaz, mas um “nômade solitário” (WATT, 1997). No romance *Vindima* (1945), o estado de solidão torna-se muito visível a partir da análise do personagem Alberto. Visto pelo pai como um “esquisito, sempre preocupado e solitário, o rapaz, que todos diziam inteligente e bom, só lhe dava desgostos” (TORGA, 1971, p. 65), todo o sofrimento do personagem provém de sua extremada lucidez, que o faz enxergar o absurdo da/na existência. Sem mencionar o espaço em que desencadeiam as ações do romance, o norte português, a própria representação do isolamento geográfico, a propiciar a exacerbação dos instintos primitivos nas personagens e um conseqüente entorpecimento dos sentidos, sem que isso implique em liberdade.

Partindo para a rica produção contística de Miguel Torga, verifica-se que, em *Bichos* (1940), a solidão aparece sob pelo menos duas diferentes formas. A primeira delas manifesta-se nos momentos antecedentes à morte, quando o narrador onisciente, adotando a perspectiva do protagonista, enceta densa reflexão acerca da vida, apresentando sempre uma visão crítica acerca do comportamento humano; a

segunda, representada pelo alheamento necessário para a concepção artística, reporta-se à ideia de inaptidão do artista frente às ações práticas do quotidiano, tendo em vista uma ligação mais estreita com os cosmos. Muitas narrativas de *Rua* (1942) e *Pedras lavradas* (1951) trazem também do tema em estudo, mas em um cenário citadino, onde se pode adentrar o universo íntimo das personagens, um ambiente privado que não deixa de ser afetado pelas condições sociais, embora de modo bastante diverso dos espaços montanheses de *Contos da montanha* (1941) e *Novos contos da montanha* (1943). Dessas duas obras foram selecionadas oito narrativas que compõem o *corpus* de análise, visto que encerram o tema da solidão em seus aspectos individual (isolamento de uma personagem em relação a seus pares; sentimento de não pertencimento; singularização) e coletivo (isolamento político, geográfico e cultural e suas implicações).

## **Conclusões**

Um percurso pela produção literária de Miguel Torga permite a constatação de que a solidão é um dos temas mais recorrentes em sua obra. Sendo uma constante em sua vida, como se pode perceber a partir da leitura dos volumes autobiográficos de *A criação do mundo* e *Diário*, a solidão acompanhou o escritor em sua fase de formação humana e contribuiu com o seu desenvolvimento como literato, devido à necessidade de introspecção do artista, visto como “um penitente solitário a enfrentar o absoluto” (TORGA, 1999, p. 83).

A leitura da contística torguiana, objeto primeiro dessa pesquisa em andamento, aponta que o sentimento de solidão permite a reflexão acerca das relações sociais moderna, que priorizam o sujeito coletivo em detrimento ao ser individual. As personagens solitárias dos contos de Miguel Torga são seres que, de alguma forma, resistem às forças opressoras que lhe tolhem a liberdade e, conseqüentemente, a sua liberdade. Nelas, a solidão manifesta-se como a busca pela liberdade individual em um ambiente afetado pelas conjunturas de um período de penúria (material e moral) e opressão, sendo a expressão da recusa a um modo de organização social excludente. Solidão, assim como a morte ou a angústia, singulariza o ser, trazendo-lhe a liberdade ou dotando-lhe, em sua introspecção, de estratégias necessárias para a sua busca.

## Referências Bibliográficas

- CRUZ, Duarte Ivo. **História do teatro português**. Lisboa: Editorial Verbo, 2001.
- GONÇALVES, Fernão de Magalhães. **Ser e ler Miguel Torga**. 2. ed. Lisboa: Veja, 1995.
- LINHARES FILHO. **O poético como humanização em Miguel Torga**. Fortaleza: Casa de José de Alencar/UFC, 1997.
- TORGA, Miguel. **A criação do mundo**. vol. único. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Bichos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Contos da montanha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Diário**. 2. ed.integral. 2 tomos. v. I a VIII e v. IX a XVI. Lisboa: Dom Quixote, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Novos contos da montanha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- \_\_\_\_\_. **O Senhor Ventura**. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Pedras lavradas**. 3. ed. Coimbra: Coimbra, 1976.
- \_\_\_\_\_. **Poesia completa**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002. 2 v.
- \_\_\_\_\_. **Rua**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Teatro**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Vindima**. 4. ed. Coimbra: Coimbra, 1971.
- WATT, Ian. **Mitos do individualismo moderno**. Fausto, Dom Quixote, Don Juan, Robinson Crusoe. Trad. Mario Pontes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.